

## A identidade cultural desafia a globalização: O desabafo dos agricultores franceses

Paula Martins Nery  
com contribuições dos grupos e do professor

O texto aborda e discute questões relacionadas às estratégias de defesa dos alimentos e das identidades culturais, desafiando o modelo da agricultura moderna, onde as particularidades da cultura regional e a qualidade dos produtos ligada à origem e ao modo de produção não são consideradas. José Bové é um dos grandes símbolos do movimento camponês. Suas ações vinculadas à *Confédération Paysanne* (CP), a segunda maior organização de agricultores da França, representam a resistência dos agricultores franceses contra a agricultura produtivista.

Esse movimento tem um marco maior o dia 12 de agosto de 1999. Tratou-se de um ato contra a rede de *fast-food* McDonald's em Millau, onde um grupo de agricultores desmontou a loja que se encontrava em construção. Entre eles estava Bové, que acabou sendo preso com mais 4 militantes, mas se recusou a pagar a fiança. Essa atitude provocou uma grande onda nacional e internacional de mobilização a favor da discussão sobre a globalização e seus impactos, abrindo lugar para debates na mídia e grande visibilidade para a confederação camponesa.

Em contexto de crises de “segurança alimentar” (como o surto da “vaca louca”)<sup>1</sup>, essa mobilização significou um combate contra a ditadura alimentar, promovendo cada vez mais uma alimentação uniformizada e banalizada. O protesto se concretiza em resposta à decisão dos Estados Unidos da América que, com apoio da OMC, sobretaxou produtos franceses (como o queijo Roquefort, o patê de *foie gras* e as trufas). Essa atitude foi desencadeada pelo embargo europeu contra a carne bovina americana, por utilizar hormônios de engorda em suas criações, cujos efeitos na saúde humana são incertos. O posicionamento norte-americano mostrava antes de tudo uma completa negligência quanto à segurança alimentar e ao princípio de precaução, sob o argumento de que o comércio é a fonte maior de criação de riquezas e, portanto, não poderia sofrer restrições.

Os protestos tiveram, portanto, como essência a oposição às imposições do mercado e das grandes potências. A CP propõe que o abastecimento alimentar da população deve ocorrer de maneira inclusiva e ecologicamente

---

<sup>1</sup> Na Europa, a ideia de segurança alimentar era, sobretudo, relacionada à sua capacidade de auto abastecimento. Nos anos 1990, o termo passou a se definir em relação à qualidade dos alimentos. Depois do surto da “vaca louca”, o debate sobre os problemas decorrentes da produção intensiva de alimentos se acentuou com o caso da contaminação de dioxina nos frangos belgas. No mesmo período, um outro drama relacionado à alimentação eclodiu. Cinquenta e três crianças foram hospitalizadas após ingerirem Coca-Cola impregnada de produtos químicos.

responsável, diferentemente do modelo industrial, tipicamente estadunidense. Assim, reivindicam resguardar a identidade camponesa, parte indissociável da cultura de uma nação, e conjugá-la a um modelo agrícola mais humano e ao mesmo tempo eficiente.

A culinária francesa é completamente oposta aos hábitos alimentares ditados pelos EUA. Na França, há grande interesse pela origem, composição e o modo de produzir o alimento (“você é o que você come”). A lógica predominante nos EUA toma o alimento como uma fonte geradora de riquezas, cujo comércio não pode sofrer restrições que incidam sobre a lucratividade. Contra esta lógica, os camponeses constituem uma importante peça de resistência. Em sua visão de mundo, a natureza e o alimento estão em comunhão, o que não deve ser rompido com uma produção industrial.

No pós-guerra, os objetivos de segurança alimentar levaram à concepção de medidas para o auto-abastecimento de alimentos. A França era o país da Europa com o maior contingente de camponeses. Esse fator, juntamente com as mudanças radicais nas instâncias de representação da agricultura francesa, permitiu que a França tenha sido um dos raros países onde os agricultores puderam participar da definição e execução das políticas que lhes diziam respeito. Essa participação ocorreu devido à atuação da JAC (Juventude Agrícola Católica), com o projeto de “reformatar as estruturas” que previa que os agricultores considerados os mais aptos para se modernizar, deveriam receber todo o apoio para ampliarem e equiparem seu sistema de produção. Este apoio se dirigiu, por exemplo, à obtenção por tais agricultores de uma superfície agrícola suficientemente ampla para a implantação de um sistema de produção equipado para os padrões técnicos da época. Desse modo, foi promovida a liberação de áreas pelos mais velhos para que os jovens considerados capazes de se modernizarem tivessem acesso à terra.

A agricultura evoluiu de forma impressionante graças à vontade de inseri-la na economia moderna. De fato, o processo de desenvolvimento da agricultura francesa se associa profundamente com a implantação da PAC (Política Agrícola Comum). A PAC foi a primeira política elaborada pela Comunidade Econômica Europeia. Seus princípios básicos levaram à criação de um grande mercado único europeu para produtos alimentares sob a lógica da “preferência comunitária”, graças a consideráveis financiamentos públicos.

A PAC promoveu com suas lógicas um sistema produtivista, com impactos negativos sobre o meio-ambiente. A concentração dos subsídios para os grandes produtores, desfavorecendo às agriculturas familiares multifuncionais, constitui outro motivo de grande críticas. A propósito, uma agricultura multifuncional é aquela que favorece a promoção de outros papéis, além produtivos, da atividade agrícola, como o bem-estar dos trabalhadores rurais, a preservação do meio ambiente e a qualidade do alimento produzido.

A modernização da agricultura francesa desde os anos 1960, ao favorecer grandes explorações produtoras de cereais e a corrida produtivista incessante, leva a uma crescente contestação do modelo idealizado por parte

de cada vez mais agricultores. Daí nasce o movimento dos *paysans-travailleurs* (camponeses-trabalhadores) que junto com a Federação Nacional dos Sindicatos Camponeses dá origem a *Confédération Paysanne*, fundada em 1987. Vale destacar que a *Fédération National des Syndicats Paysans* é uma corrente divergente da FNSEA (*Fédération National des Syndicats des Exploitants Agricoles*), a principal organização sindical francesa. Esta última foi incapaz de responder de forma convincente às críticas à agricultura moderna. Ainda hoje, essa organização não reconhece o peso político da *Confédération Paysanne*.

É relevante destacar aqui que esta identidade camponesa representa uma forma de resistência à glorificação da sociedade de consumo. *Paysan*, significando camponês, foi um termo muito associado à ignorância, ao atraso, à miséria e à opressão. Hoje, existe uma refundação do significado de camponês, associando-se a valores compatíveis com as sociedades contemporâneas, mas representando também resistência contra as mazelas da agricultura e vida moderna (degradação ambiental, perda de diversidade agroalimentar, desigualdade social).

A Confederação Camponesa atribui à agricultura a função de produzir produtos materiais e não materiais de forma combinada, com qualidade gustativa e sanitária incontestável. Esta perspectiva de uma agricultura multifuncional se apoia sobre a valorização de uma dimensão social (manutenção de empregos e solidariedade entre os camponeses de todo o mundo), uma dimensão econômica (produção agrícola que possa agregar valor sem que os volumes produzidos sejam superabundantes e garanta a existência de um bom número de produtores em atividade) e a ambiental, na qual o respeito aos consumidores e a natureza é fundamental. Nesta linha, trata-se de uma agricultura capaz de fornecer alimentos de qualidade, de preservar o equilíbrio ecológico (com conservação de paisagens e biodiversidade) e de valorizar as atividades dos agricultores familiares. Estas ideias são base para a soberania alimentar, defendida pela CP e pela Via Campesina.

Muitos agricultores jovens tem recusado o modelo produtivista, impulsionando o crescimento da CP. Como exemplo Jean-Luc Gaugain, criador de vacas normandas, recusa a introduzir a raça holandesa em sua produção, privilegiando a raça local, além de utilizar um sistema de aproveitamento das pastagens naturais. Defende assim a paisagem, a qualidade de alimentação e o bem-estar dos animais, desenvolvendo uma exploração pecuária inteiramente modernizada e com uma das melhores performances econômicas da região, empregando racionalmente as potencialidades naturais disponíveis. Sua intervenção ocorre também junto ao grupo de fornecedores do queijo *Pont l'Eveque*, que negocia com a direção da queijaria a introdução de prêmios para aqueles que criam seus animais do modo mais tradicional e ecológico.

A história da culinária francesa também constitui uma fonte de resistência como hábitos alimentares modernos. O espetáculo dos banquetes na Idade Média, os cultivos frequentes de hortas familiares, a riqueza e

diversidade alimentar são notáveis aspectos destas tradições agroalimentares. A cozinha profissional em restaurantes reforça a ideia segundo a qual alimentar não é apenas um meio para satisfazer necessidades biológicas, mas antes de tudo um ato sociocultural.

Aqui, convém assinalar que, na França, as raízes rurais são ainda muito presentes. Os camponeses são assim considerados como “jardineiros”, moldando a arquitetura da paisagem e mantendo qualidade e tradição em sua forma de produzir. A produção de alimentos é considerada assim como arte pelos franceses, que acreditam que parte do prazer em degustar certo produto se origina em saber a origem, o modo de produzir e as particularidades dos alimentos. O conhecimento do camponês é desta forma essencial para a gastronomia francesa, reconhecida mundialmente. Assim, é possível destacar a relação intrínseca entre a alimentação e a cultura. O consumidor-cidadão desempenha papel chave na concretização do “direito à diversidade cultural”, com a conservação das tradições e diferenças que sustentam uma resistência à globalização homogeneizante. Com efeito, a cultura não é um produto igual aos demais, mas sim uma maneira de se perceber e de se integrar ao mundo.